



PIOMETRA CANINA - RELATO DE CASO

Patrícia Mendes da Silva Santos^{1*}, Marcelo Henrique Nicodemo Lopes¹, Gustavo Fernandes Grillo².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una de Bom Despacho – Bom Despacho/MG – Brasil – *Contato: patriciamendessantos2012@gmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una Bom Despacho – Bom Despacho/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

Piometra, conhecida também por complexo hiperplasia endometrial cística, é um processo inflamatório do útero ocasionado de um desequilíbrio hormonal (Garcia et al., 2012). Esse processo é considerado uma das doenças mais agravantes do útero em cadelas, uma vez que apresenta alta taxa de mortalidade, principalmente quando o diagnóstico é tardio (Hagman, 2017).

Segundo Nelson e Couto (2006), a piometra surge a partir de alterações hormonais no útero, permitindo o aparecimento de infecções secundárias. Em resposta a progesterona persistente resulta a hiperplasia endometrial cística, com acúmulo de líquido no lúmen uterino. As bactérias de origem vaginal também são capazes de colonizar o útero ocasionando a doença, sendo a *Escherichia coli* o microorganismo mais frequentemente isolado nas cadelas com piometra (Kustritz, 2003).

Segundo Oliveira et al. (2016) há duas formas em que a piometra se manifesta, que é determinada pela presença ou falta de secreção no canal vaginal. Na primeira forma, mais branda, é chamada de piometra aberta, pois o animal apresenta secreção serosanguinolenta vaginal. Já a segunda forma, piometra fechada, apresenta sinais clínicos de distensão e sensibilidade abdominal (Oliveira et al., 2019). Esta segunda forma recebe esse nome porque não ocorre o extravasamento serosanguinolento vaginal devido à cérvix estar fechada (Trautwein et al.; 2018) e, assim, torna-se a forma mais perigosa devido ao abaulamento do líquido no útero e ao difícil diagnóstico pela sintomatologia inespecífica (Sant'anna et al., 2014).

O animal pode apresentar diversos sinais clínicos, demandando do profissional médico veterinário um completo domínio dos recursos de diagnósticos disponíveis (Murakami et al., 2011). De acordo com Sá et al. (2016) geralmente é relatada certa demora na busca por um profissional da área, pelos proprietários dos animais, devido principalmente a dificuldades financeiras e o pouco acesso à exames complementares. Portanto, o objetivo desse trabalho foi relatar um caso de piometra canina, acompanhado na CMVET-Centro Médico Veterinário, em Divinópolis, Minas Gerais, destacando a recuperação da cadela graças ao rápido diagnóstico.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

No dia 19 de setembro de 2022 às 09h37min, deu entrada na clínica veterinária uma cadela da raça Labrador, com idade de 8 anos, pesando 37,4 kg. A queixa principal da tutora era a perda de apetite, aumento abdominal repentino e corrimento vaginal. A partir da anamnese realizada, a tutora relatou que o animal havia apresentado cio há cerca de 40 dias. No exame físico foi possível detectar uma hipertermia moderada (40,1°C), discreto aumento das frequências cardíacas (90 BPM) e respiratórias (40 mpm), além da confirmação de que a secreção vaginal era do tipo mucopurulenta.

Apesar do visível aumento abdominal e de todos os achados sugestivos para um caso de piometra, foi solicitado imediatamente o exame ultrassonográfico. Através das imagens foi possível observar o aumento de volume do útero e a presença de conteúdo anecogênico, confirmando o diagnóstico de piometra (Figura 1).



Figura 1: Ultrassonografia uterina pela região inguinal representando acúmulo de líquido intrauterino e espessamento moderado do endométrio (Fonte Autoral).

Além do exame físico e ultrassonográfico, a cadela foi direcionada para a realização de exames complementares, no caso exames laboratoriais, realizando também a coleta de sangue para realização de um hemograma que apontou leucocitose com neutrofilia e anemia normocítica.

Foi realizado o procedimento cirúrgico de ovariosterectomia (OSH), associado à antibioticoterapia como medida terapêutica, também foi realizado um eletrocardiograma prévio para definição de plano anestésico. De imediato foi realizada a tricotomia e antisepsia da cadela. Na medicação pré-anestésica foi utilizado Midazolam 2 mg/kg e Fentanil 1-5 mg/kg. A anestesia geral foi realizada com Propofol 6-8 mg/kg e Isoflurano 1,6%.

Para cirurgia optou-se pela técnica de incisão retro-umbilical da linha branca do animal. Essa técnica permite expor o útero e retirar o órgão totalmente (Figura 2). Por se tratar de uma região com intensa vascularização, o procedimento se torna mais delicado, além disso, a parede do útero se torna mais delgada, podendo ocorrer sua ruptura. Caso este evento venha a ser desencadeado, a contaminação sistêmica leva a complicações que podem resultar em óbito do animal.



Figura 2: Útero retirado no processo cirúrgico (Fonte Autoral).

X Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



Para realizar a sutura dos tecidos musculares e subcutâneos foi usado o padrão Sultan, e na sutura da pele, o padrão Wolff. Os medicamentos utilizados no pós-operatório foram Cloridrato de Tramadol 2 mg/kg para controle da dor, associado com dipirona sódica 500 mg. Ambos de 12-12 horas e durante cinco dias consecutivos. O antimicrobiano prescrito foi Amoxicilina com Clavulanato de potássio 250 mg de 12-12 horas. Como anti-inflamatório foi usado Carprofeno 100 mg, administrado de 12-12 horas, no período de sete dias consecutivos. Para realizar a limpeza do local da ferida cirúrgica foi prescrito o uso de solução fisiológica 0,9% e logo em seguida Rifamicina spray, borrifando no local da ferida cirúrgica de 12-12 horas até o dia da retirada dos pontos.

Passados alguns dias, a tutora informou que a cadela havia voltado a se alimentar normalmente, se recuperava bem e não apresentava nenhum problema. Isso foi possível graças à rápida procura por um médico veterinário, bem no começo do surgimento dos sinais clínicos iniciais apresentados pela cadela.

APOIO:



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A piometra é considerada como uma das principais doenças que acometem as fêmeas da espécie canina. Nesse relato de caso conclui-se que a busca por um profissional médico veterinário e diagnóstico precoce foram de extrema importância para aumentar as chances de sucesso do tratamento e rápida recuperação da cadela. Há várias alternativas para a confirmação da suspeita clínica, além de exames físicos, outras metodologias como a ultrassonografia e exames sanguíneos. No momento em que se confirmou o diagnóstico da piometra de cérvix aberta foi orientado ao proprietário da cadela a utilização da intervenção cirúrgica para retirada do útero devido ao tamanho aumentado do órgão, ou seja, somente o uso de antibióticos não seriam suficientes para tratar a paciente devido ao avanço da patologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GARCIA, S. P.; MARTINS, L. L.; MACHADO, A. S.; MACHADO, M. R. F. Piometra em cadelas: revisão de literatura. Rev. Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, n. 18, 2012.
2. HAGMAN, R. Canine pyometra: What is new?. Rev. Reproduction in Domestic Animals, v. 52, p. 288-292, 2017.
3. KUSTRITZ, M. V. R. Uterine Disorders. Small Animal Theriogenology, 1ª Edição, p. 376-388, 2003.
4. NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Distúrbios da vagina e útero. In: Fundamentos da medicina interna de pequenos animais. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, p. 486-87, 2006.
5. MURAKAMI, V. Y.; FREITAS, E. B.; BRITO, A. A.; CABRINI, M. C.; VIEIRA, A. M.; COSTA, J. L.; FILADELPHO, A. L.; RAINERO NETO, R. Piometra - Relato de caso. Rev. Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, v. 9, n. 17, p. 1-11, 2011.
6. OLIVEIRA, F. S.; PAZ, L. N.; MOTA, T. M.; ORIÁ, A. P.; SILVA, M. C. A.; PINNA, M. H. Perfil de resistência de isolados de Escherichia coli a partir de piometra canina. Ciência Animal Brasileira, v. 17, n. 4, 2016.
7. OLIVEIRA, R. G.; TEIXEIRA, A. W. P. A.; OLIVEIRA, T. N.; BEZERRA, S. T. C. Piometra em cadela com complicação renal. Rev. Ciência Animal, v. 29, n. 1, p. 135-145, 2019.
8. SÁ, M. A. F.; SALLES, S. P. X.; FAGUNDES, A. S. Principais métodos diagnósticos da piometra canina - revisão de literatura. Rev. Científica UBM, v. 18, n. 34, p. 105-123, 2016.
9. SANT'ANNA, M. C.; GIORDANO, L. G. P.; FLAIBAN, K. K. M. C.; MULLER, E. E. Prognostic markers of canine pyometra. Arq. Bras. Med. Vet. Zootec., v. 66, n. 6, 2014.
10. TRAUTWEIN, L. G. C.; SANT'ANNA, M. C.; JUSTINO, R. C.; MARTINS, M. I. M. Guia revisado sobre o diagnóstico e prognóstico da piometra canina. Investigação, v. 17, n. 1, p. 16-23, 2018.